

DOI: 10.22476/revcted.v8.id568

ISSN: 2447-4223

PEDAGOGIA NARRATIVIZANTE: OS MOVIMENTOS DA PRÁXIS CRIADORA

SANTOS, Fabiana Cabrera Silva¹

 <https://orcid.org/0000-0002-6631-1472>

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Paulo, SP, Brasil

FURLIN, Marcelo²

 <https://orcid.org/0000-0001-6282-3721>

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, SP, Brasil

Submetido em: 16/01/2022	Aceito em: 29/12/2022	Publicado em: 30/12/2022
---------------------------------	------------------------------	---------------------------------

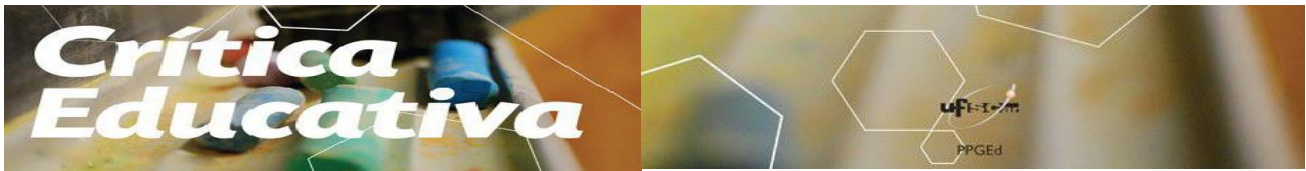
Resumo

O artigo pretende tecer aproximações entre a Pedagogia e a narrativa como caminho possível para a edificação de textos fundantes da ciência da educação, a partir da inovação semântica proposta pela pedagogia narrativizante. A hermenêutica do texto ricoeuriana propõe matizes para (re)configurar a ação pedagógica, na inspiração da práxis criadora que possibilita a tessitura entre o *factum* e o *fictum*. Nessa compreensão particular, a potência criadora, que desenha a moldura a ação pedagógica, sob a perspectiva ficcional, abre novos horizontes para escutar as emergências da pedagogia como ciência *da, sobre e para* a educação.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia. Ciência. Narrativa. *Factum* e *fictum*.

¹ Doutoranda e Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Pós-graduação em Formação de Professores – Ênfase Ensino Superior pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Pedagoga e Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Coordenadora acadêmico-pedagógica da Educação a Distância da UMESp. Professora na rede municipal de São Bernardo do Campo. E-mail: fcs3@uol.com.br

² Pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Líder do Grupo de Pesquisa *NARRARE* – Formação Docente e Narrativas. E-mail: marcelofurlin267@gmail.com



NARRATIVE-BASED PEDAGOGY: THE MOVEMENTS OF INSPIRING PRAXIS

Abstract

The article aims at establishing connections between Pedagogy and narratives, which are meant to provide a potential source of influential texts, semantically enlightened by a narrative - based Pedagogy. Paul Ricoeur's unique "theory of reading" or hermeneutics paves the way for fruitful pedagogical actions and inspiring praxis, from which factum and fictum are interwoven. This frame of fictional inspiration broadens new horizons for Pedagogy seen as a science of, about and for education.

Keywords: Pedagogy. Science. Narratives. *Factum* and *fictum*.

PEDAGOGÍA NARRATIVA: LOS MOVIMIENTOS DE LA PRAXIS CREATIVA

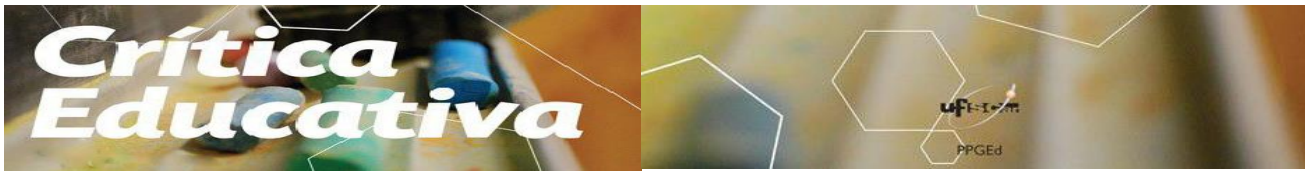
Resumen

El artículo se propone tejer aproximaciones entre Pedagogía y narrativa como camino posible para la construcción de textos fundantes de la ciencia de la educación, a partir de la innovación semántica que propone la pedagogía narrativizadora. La hermenéutica del texto de Ricoeur propone matices para (re)configurar la acción pedagógica, inspirados en la praxis creativa que posibilita la textura entre el factum y el fictum. En esta particular comprensión, la potencia creadora que enmarca la acción pedagógica, desde la perspectiva ficcional, abre nuevos horizontes para escuchar el surgimiento de la pedagogía como ciencia de, sobre y para la educación.

Palabras clave: Educación. Pedagogía. Ciencias. Narrativo. *Factum* y *fictum*.

Uma agenda de abertura

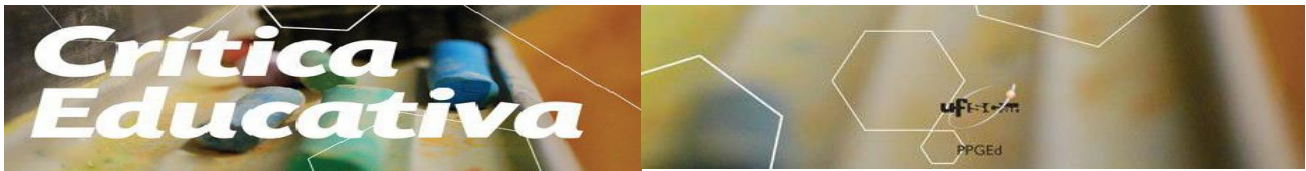
A Pedagogia apresenta traços de narrativa. A narrativa apresenta traços de Pedagogia. As palavras transformadas em texto metaforizam a ação humana, que se nutre do saber, conhecer e promover (novos) conhecimentos. Somos seres de narrativa. Somos *pela* narrativa. *Narrare* possibilita organizar nossos sentidos e, ao mesmo tempo, temporalizar a experiência humana. É humanização do tempo, como progresso. No emblema da fonte crítica que irrompe nesta reflexão, a Pedagogia como prática social, realizada em trilhas narrativas contextualizadas pelo tempo e pelo espaço, pode assumir um modo de manifestar conhecimento, de conhecer, compreender e ficcionar a herança comum (CARVALHO, 2017), para aqueles dela tecem juntos o processo pedagógico. Nesse desejo de tocar a essência da Pedagogia – como um modo de construir sentido – buscamos na



narrativa matizes para (re)figurar a identidade humana, como ciência e, ao mesmo tempo, reafirmar seus laços com a sociedade. Tal essência emerge, pela força desta fonte, da tessitura entre o *factum* – como ação direta; fazer – e o *fictum* – como práxis, fazer transformador, refletido, formativo, imaginativo. Os participios latinos – *factum* e *fictum* – preconizam a candência de desdobramentos da educação e da ação pedagógica.

A interface entre o *factum* e *fictum* aponta para uma pedagogia *narrativizante*, que instiga novas interpretações, novos mundos pedagógicos realizáveis, mudanças e transgressões para a construção de uma identidade narrativo-científica que oferece um alargamento da compreensão da ciência da educação, para além do *factum*. Essa extensão é descortinada pelo texto, que contempla, numa perspectiva dialética, as dimensões científicas, teóricas e técnicas do fenômeno educativo. É nesse *continuum* narrativizante – enquanto discurso materializado no texto – que evocamos espaços para a práxis criadora na educação que almeja a transformação no mundo e a refiguração da(s) vida(s). Essa transformação social – como um dos objetivos da educação - acontece na fusão da imaginação criativa – e criadora - dos protagonistas envolvidos no processo educativo, que abre horizontes e cria (novos) mundos habitáveis. Na linha ricoeuriana da mediação do texto, o vivido capturado na escrita narrativizada só é real no momento que é fictício que muda, transforma a realidade. É a irrealização do real, potencializado pela ficção, que fomenta a mudança, a transgressão.

No movimento entre o *factum* e o *fictum* a Pedagogia pode afirmar-se consubstancialmente como ciência e assumir um matiz hermenêutico, por meio de narrativas que permitem apreender os sentidos da ação humana. Por esse termo, deve-se compreender que a condição narrativizante da Pedagogia revela uma nova concepção de ação – criadora, imaginativa - como possibilidade, com novos horizontes de sentido à espera de interpretações diversas. A educação, pois, assume-se como um fluxo contínuo de refiguração. É a partir desses pressupostos que o presente texto pretende (re)fixar as bases da Pedagogia como ciência pela inspiração de uma epistemologia hermenêutico-narratológica. A agenda está aberta.

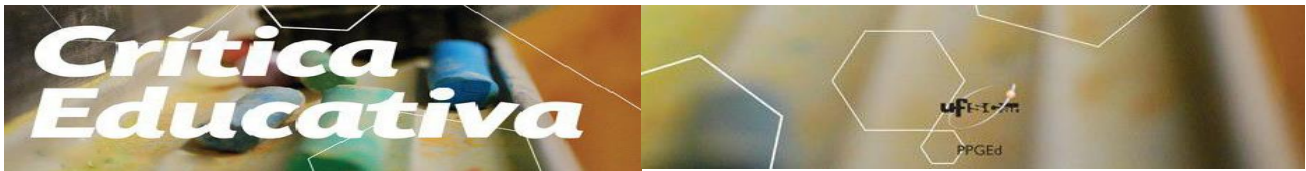


A práxis criadora da Pedagogia: entre o *factum* e o *fictum*

Toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis
(VÁZQUEZ, 1977, p. 185).

A fim de perceber o sentido da educação como prática social, é necessário contextualizá-la em suas relações entre o tempo e o espaço. Nesse sentido, o contexto histórico da educação está associado ao desenvolvimento econômico do Brasil bem como aos interesses – políticos, econômicos, sociais, culturais e ideológicos – que recobrem o projeto de desenvolvimento nacional e, conseqüentemente, educacional. Em uma colônia econômica agrária, a educação não era (e no contemporâneo, ainda não é) meta prioritária no desenvolvimento brasileiro. Os primeiros passos que, de fato, contornam a prioridade para a educação, estão associados à difusão religiosa – Jesuítas, séculos XVI e XVII – que encontraram na educação solo fértil para a disseminação religiosa. É notável que a educação, desde sua gênese, mostra-se frágil, portanto, dependente de outras ciências. A formação profissional de professores, cujo horizonte desponta por volta de 1835, era reduzida à formação técnica do professor: o ensino de metodologias, técnicas de ensino, a aplicação de métodos, o preparo didático para a transmissão de conhecimentos. O avanço, em termos de formação científica de formação pedagógico-didática do curso de formação de professores surge quando os cursos são elevados a nível superior (SAVIANI, 2009). É nesse momento que a tensão entre o *factum* e o *fictum*, na Pedagogia, é acentuada, visto que os cursos demarcavam a divisão entre a prática e a teoria; entre o docente e o pesquisador; entre aquele que faz e aquele que pensa a educação. De fato, tais divisões ainda perduram na educação e na formação dos seus profissionais.

Tal descrição histórica aproxima-se da ideia apresentada, *ab initio*, sobre a educação com o *factum*. Conforme já anunciado em passagens anteriores desta reflexão, um dos caminhos para a valorização da educação como ciência está marcado na aproximação – com a força do *religare* – das dimensões entre o saber fazer e o saber *sobre* e *da* educação. Para Chauí (2000), a imaginação se aproxima da ciência sob duas perspectivas, uma negadora e outra antecipadora. No tocante à negação, o cientista pode declinar as teorias já existentes; quanto à antecipação, o cientista pode avistar o significado completo de sua própria pesquisa, mesmo em andamento. É possível atribuir à imaginação a capacidade para encorajar o pensamento a dizer “não” a teorias existentes e a propor novas. A educação como ficção – da qual deriva o *fictum* –, apresentaria novas possibilidades em limiares

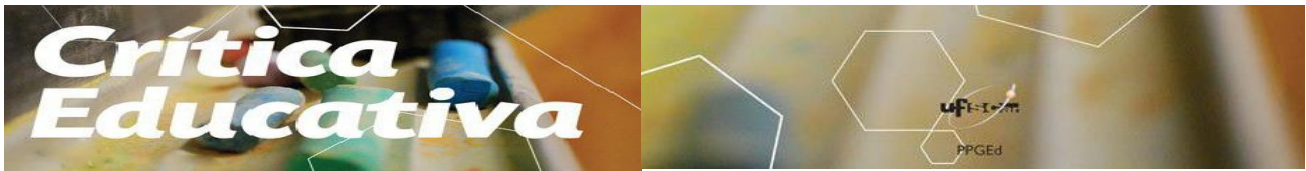


inscritos no “como se...”, expressão vivaz que liberta das amarras aprisionadas às determinações históricas da Pedagogia, que rompe com a inexorabilidade da história. Essa potência do *fictum* como motor para o progresso da ciência, que alimenta a curiosidade humana, alude para uma tessitura entre ciência, educação e ficção, *factum e fictum*.

Na moldura dessa premissa, o *fictum* anuncia a condição de inacabamento, qualificadora da educação como prática social que, na dialeticidade com o *factum*, encontra sentido para o fazer pedagógico que busca a criação, a possibilidade, a transformação de um mundo possível. Essa possibilidade candente, que contorna o *fictum*, incentiva uma forma imaginativa do mundo; é o que apresentamos como uma via possível para a edificação da educação como ciência; a imaginação como lugar que acolhe a produção do conhecimento, que é provocada pelas demandas e amarras do atual, que vê horizontes e alarga os limites colocados pelo padrão.

O senso comum busca aproximar a ciência e a verdade. Contudo, nesta reflexão, a ciência é compreendida como a procura pelo possível, alimentada pela curiosidade, pela episteme. Nesse rumo, a ficção reaproxima a ciência da utopia. Segundo Iser (1996), a ficção rompe com a dicotomia entre realidade e ficção, como representação criativa da realidade; é um convite ao possível, aberto pela narrativa. Para o autor, as ficções "representam a condição para a reformulação do mundo formulado, possibilitam a compreensão de um mundo reformulado e permitem que tal acontecimento seja experimentado (ISER, 1996. p.16)". Destarte, é na ação refletida da práxis, possibilitada pelo texto narrativo, que a Pedagogia – pela prática docente – é reformulada. O mundo ficcional, nesse sentido, amplia os espaços: do si, do outro, do mundo e, sobretudo, da ciência, em um avanço que condena à inércia as práticas esvaziadas de humanização.

A práxis como a reconciliação entre a ação e a teoria (representação criativa), plena de transformação, encontra nas aproximações com o *fictum* o diálogo para as emergências da educação neste século. O movimento proposto pela práxis [ação > reflexão > imaginação > ação] aponta para os fundamentos da educação como ciência, na composição de um tecido entre episteme e práticas. Esse movimento é possibilitado pelas narrativas docentes, que permitem uma reflexão, uma revisão



de si mesmo, dos seus repertórios teóricos na refiguração³ do seu mundo e de suas práticas pedagógicas.

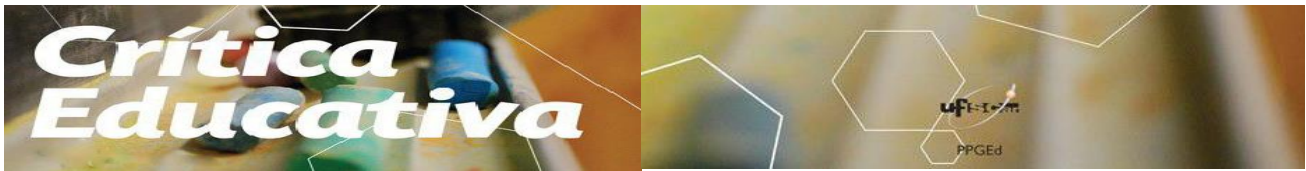
Pedagogia narrativizante: uma ciência possível descortinada pelo texto

“Levar a experiência a linguagem não é mudá-la noutra coisa, mas é fazê-la tornar-se ela mesma” (RICOEUR apud COSTA, 1990, p. 145)

Uma indagação vem à tona neste percurso investigativo: como considerar a Pedagogia com matizes de ciência? A Pedagogia que se constrói pela narrativa pressupõe a tematização do vivido, interrompe o vivido para significar, para refletir sobre o sentido do vivido. Essa interrupção – que não é fratura ou ruptura do vivido – na maioria das vezes, do *factum* – pretende atribuir sentido, religar o que estava disperso, fundamentar as ações. Essa dispersão, em tal contexto, é a prática sequestrada de seu sentido, de episteme *sobre e da* educação, diante da ciência. A narrativa como a tematização do vivido é um convite a novos horizontes, à religação entre o *factum* e o *fictum*. Trata-se da coexistência entre o sentido comunitário e o significado particular da educação, da práxis criadora que é possível vislumbrar para a compreensão da educação como ciência.

A hermenêutica proposta por Paul Ricoeur, proeminente filósofo francês do século XX, apresenta múltiplas contribuições para a educação. “*Narramos* coisas que consideramos verdadeiras e *predizemos* acontecimentos que ocorrem tal como antecipamos. É, pois, sempre a linguagem, assim como a experiência, a ação, que esta articula, que resiste ao assalto dos cétricos (RICOEUR, 2010a, p. 21 – grifo do autor)”. A narrativa é aquela que se volta para a ação humana com o objetivo de buscar o sentido dado ao mundo vivido. O texto, sob tal aspecto, favorece possibilidades do dizer o

³ “Esse estágio corresponde ao que H. G. Gadamer, na sua hermenêutica filosófica, chama de “aplicação”. O próprio Aristóteles sugere este último sentido da mimese praxeôs em diversas passagens de sua Poética, embora se preocupe menos com o auditório na sua Poética que na sua Retórica, na qual a teoria da persuasão é inteiramente regulada pela capacidade de recepção do auditório. Mas, quando diz que a poesia “ensina” o universal, que a tragédia “representando a piedade e o terror, ... realiza uma depuração deste gênero de emoções”, ou ainda quando evoca o prazer que temos de ver os incidentes aterrorizantes ou lamentáveis concorrerem para a inversão da sorte que constitui a tragédia – significa que é bem no ouvinte ou no leitor que se conclui o percurso da mimese. Generalizando para além de Aristóteles, diria que mimese III marca a intersecção **entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor**. A intersecção, pois, do mundo configurado pelo poema e do mundo no qual a ação efetiva exhibe-se e exhibe sua temporalidade específica (RICOEUR, 2010a, p. 123 – grifo do autor).”

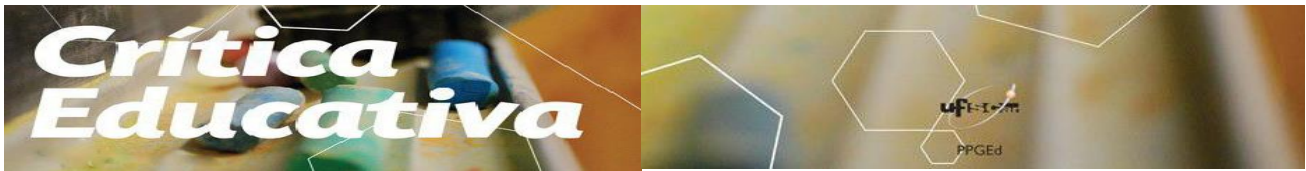


mundo. A educação como texto é uma proposta de formação docente pela narrativa. Se somos pela narrativa, logo, fundamentar a educação pela narrativa é descortinar o mundo pedagógico pelo texto. Compreender a narrativa docente “[...] não é apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o texto em que o evento inicial se objetivou” (RICOEUR, 2019, p. 106). Aqui está delineada a qualidade formativa da narrativa fomentada pela construção de um texto: “[...] construir um texto é construí-lo como um indivíduo” (RICOEUR, 2019, p. 109). As referências que perpassam o texto apontam para os mo(vi)mentos entre aquilo que o texto diz para aquilo que ele fala. É a hermenêutica que fomenta a interpretação profunda do texto no sentido do “[...] mundo possível e de um modo possível de alguém nele se orientar”, anuncia Ricoeur (2019, p. 122).

A educação como ficção busca o sentido na vida, o sentido no mundo em movimento; pressupõe ação, dinamismo, circularidade. A educação narrativizante nutre o sentido da prática docente vivida. A invocação da imaginação, nesse processo, assume o caráter irrecuperável do passado, do vivido recriado. Desse modo, qual é a importância de recriar, de atribuir sentido ao vivido, ao passado para a constituição da educação como ciência? Um dos aspectos que qualificam o termo *educação* é a intencionalidade que antecede e precede a ação. Esse vetor pedagógico assimilado pelo texto permite ao profissional da educação tomar consciência – como processo de interpretação de si - das suas experiências e interpretar os sentidos atribuídos ao fazer pedagógico, para além do exposto pela realidade; é, em suma a possibilidade do real apresentado ao irreal.

Como o educador interpreta sua prática? “Compreender-se é compreender-se diante do texto” – eis como Ricoeur amplia o papel da fenomenologia, ao oferecer, pelo texto escrito, os caminhos para a educação narrativizante que religa o sujeito epistêmico e o sujeito da experiência. É uma proposta viva, dinâmica, imaginativa, que rompe com a inércia do *factum*. Ela recria a tradição no tempo e refigura a realidade. Sob tal perspectiva, a ciência, ao aproximar-se do sentido original da ficção, instala na educação a curiosidade, a condição do *como se* para ampliar a construção do saber educacional na interface entre o *factum* e o *fictum*.

No pensamento de Ricoeur, “[...] a escrita pode salvar a instância do discurso porque o que ela efetivamente fixa não é o evento da fala, mas o ‘dito’ da fala, isto é, a exteriorização intencional constitutiva do par ‘evento-significação’” (RICOEUR, 2019, p. 44). A memória pode ampliar ou



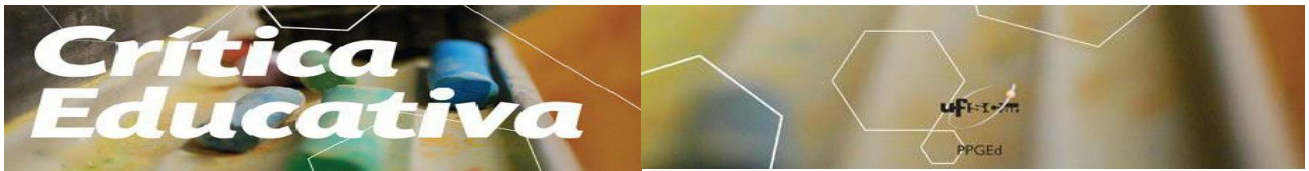
apagar as coisas. O texto, dessa forma, revela as ideias do sujeito na configuração e refiguração de si e do mundo: a atualização do sentido proporcionada pela hermenêutica do texto. Isso seria, em tal contexto, um modo de se interpretar, pela narrativa, os saberes, as experiências, os mundos presentes na vida dos profissionais da educação que alimentam o repertório epistêmico da ciência que tem por objeto a educação.

Educação, linguagem, imaginação e formação: tessituras narrativizantes de um processo único

“A imaginação não é por isso uma função puramente mimética ou reprodutora, mas é também projetiva, correspondente ao dinamismo do agir (COSTA, 1990, p. 155).”

A Pedagogia como investigação do fenômeno educativo (PIMENTA, 2011) – a ciência que tem como objeto de pesquisa a educação -, vem historicamente sendo reduzida à técnica da educação. Essa interpretação injusta tem se afastado da ideia da imaginação proposta por Ricoeur como capacidade de desdobramentos, de novos mundos. A educação no cenário contemporâneo pode ser revelada como um fato, sem perspectivas, como *mimesis* reprodutora, portanto, distante de horizontes de transformação. O *mirandum*, a condição de deixar-se surpreender, apresentado pelas epistemologias da educação urge ser resgatado no projeto de formação da ciência da educação, perceptível em mundos possíveis que compreendem a imaginação como ponte entre o mundo real e o irreal, no processo de produção do conhecimento. Eis a potência que a ficção – como cisão do real para o surgimento de algo – apresenta à educação e, assim, inaugura novas realidades e versões que se desprendem do real dado, concebido, que alarga os traços do limite.

Sendo a educação uma prática social, projetiva, transformadora da realidade “[...] encontra-se precisamente implicada nesse processo de comunicação entre os projetos individuais e coletivos, pois é condição da existência de um ‘campo histórico da experiência’” (COSTA, 1990, p. 156). A educação, como lugar de encontros, desencaixes, de configuração e refiguração, registrada pelo texto impulsiona, por meio da ficção, a constituição de sentidos, a atualização da tradição que mantém viva e dinamiza o mundo extratextual. Para Ricoeur, a atribuição de sentido se dá pelo mundo em



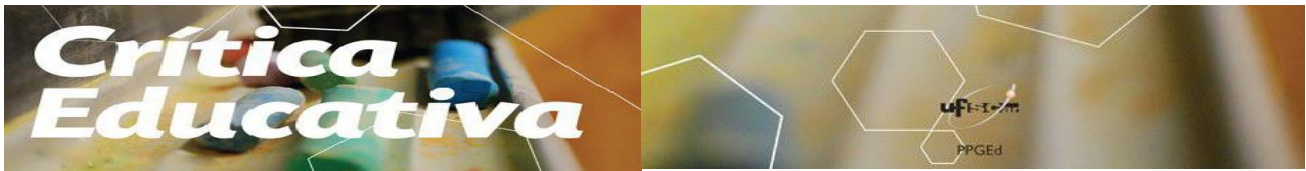
movimento, em um contexto. É assim que a educação é constituída como ciência: no movimento entre o ter-sido e o sendo no mundo.

A educação, em linhas de leitura ricoeuriana, pode ser compreendida como uma obra aberta, capaz de recriar a realidade humana e seu projeto formativo. Pela autonomia da narrativa, novos mundos se abrem, novos sentidos são descortinados e novas formas de ser-educação se desdobram pelas múltiplas interpretações. Essa dimensão do inacabamento colocada pelo texto não esgota o sentido da narrativa. Com efeito, na visão de Ricoeur, o texto pode ser semelhante, mas as interpretações não são amparadas em tais semelhanças. Assim são os horizontes que podem ser desenhados pela educação.

Novas agendas: o novo possível da pedagogia narrativizante

Colocar em evidência o conceito de ficção como a força da imaginação que favorece a tessitura da vida promove contatos instigantes com a pedagogia *que narra*. Nos cenários do contemporâneo, desenhados por uma “singular relação com o próprio tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 59), estar no mundo demanda percepções profundas, advindas de uma crítica emergente: “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62). Ora, qual seria a essência de tal proposta, em teor de estranhamento? De fato, o filósofo, ao reconhecer o movimento entre luzes e trevas, faz um convite para “[...] neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que mão é, no entanto, separação daquelas luzes” (AGAMBEN, 2009, p. 63). Em palavras breves, as trevas do contemporâneo anunciam as luzes de cenários iminentes, em traços emblemáticos de uma educação que narra a vida.

No que se refere ao tempo, a cronologia humana abre as vias da História, Tais caminhos são artesanalmente construídos, uma vez que a existência ganha sentido em seus processos de temporalização, realizada em espaços que constituem as culturas. Tempo e espaço, consubstanciados em tramas de experiência, ilustram a trajetória da humanidade. Não obstante, em consonância com a leitura de Giddens (2002), o contemporâneo, marcado por um Neoliberalismo decadente, promove a supressão do *continuum* entre tempo e espaço e oferece uma agenda de riscos, repleta de imprevisibilidades causadas pelas condições sociais determinadas pela modernidade.



A incansável reflexão para promover a educação como ciência buscou, neste texto, apresentar alguns caminhos possíveis, dentre eles, a narrativa como uma possibilidade de saber *quem é*. O saber de si é sempre um reconhecimento, uma refiguração, um compromisso com a sua identidade. Por isso, a proposta de uma pedagogia narrativizante almeja consolidar-se a partir da construção de textos fundantes que abrem vias possíveis para descortinar novos sentidos – uma proposta de transgressão. Em síntese, nos ecos de Ricoeur, o sujeito nunca é aquele que se crê, ou seja, pode ser mais ou menos, visto que o conhecimento de si é ampliado pelo texto.

A ausência de uma identidade narrativa que explicita a tensão entre o *factum* e o *fictum* em um desencaixe histórico é o que amplia o abismo entre a prática e a teoria na ação pedagógica dos profissionais da educação. Em sintonia com tal premissa, a condição narrativizante da educação estaria a serviço da reconciliação entre o *factum* e o *fictum* no *continuum* recriador de sentido, de mundos possíveis que qualifica o dinamismo da educação *que narra*.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Educação, uma herança sem testamento:** diálogos com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** Ed. Ática, São Paulo, 2000.

COSTA, Miguel Dias. A Lógica do sentido na filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur. **Revista Portuguesa de Filosofia.** T. 46, Fasc. 1, Paul Ricoeur (Jan.- Mar., 1990), pp. 143-167.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário.** Perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Pedagogia e pedagogos:** caminhos e perspectivas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação.** Lisboa: Edições 70, 2019.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Tomo1. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Tomo 2. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010b.



RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo 3. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010c.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 143-155, Apr. 2009.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jul.2020.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da práxis**. 2 ed. Tradução de Luiz F. Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.